

Pelo quinto sábado consecutivo, Praça do Índio recebe feira que mostra a diversidade do artesanato no Distrito Federal. Secretaria de Trabalho deve estabelecer quatro novos pontos de exposição nas próximas semanas e estima que 15 mil pessoas atuem no setor

Viver para criar

» MARIANA FLORES

Batizada em homenagem a Galdino de Jesus Santos após a tragédia ocorrida em 1997, a Praça do Índio se transformou em um ponto de encontro e arte. Há um mês, 12 anos depois da morte do indígena, a praça entre as quadras 703 e 704 Sul se tornou um ponto de venda de diferentes tipos de artesanato. Ontem, pela quinta semana consecutiva, cerca de 60 artesãos expuseram seus trabalhos e agradaram ao público da região. A exposição faz parte do projeto Roda do Artesanato Candango, desenvolvido pela Secretaria de Trabalho do Distrito Federal. Atualmente, cerca de 3,5 mil pessoas estão cadastradas para expor em três locais diferentes

Noite de crueldade

A Entrepraça 703/704 Sul ficou marcada depois de 21 de abril de 1997. Foi lá que o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, de passagem por Brasília, foi assassinado por jovens de classe média que lançaram álcool e o queimaram enquanto ele dormia numa parada de ônibus. As chamas afetaram 95% do corpo de Galdino e mataram-no

Cadu Gomes/CB/D.A Press



Kelris Meirim descobriu o crochê depois de um ano desempregada: "Me apaixonei, só quero trabalhar com isso"

do Distrito Federal que têm alvará de funcionamento para esse tipo de feira, e pelo menos quatro novos pontos de venda devem ser estabelecidos nas próximas semanas. Mas o número de interessados pode ser ainda maior. A secretaria, que está cadastrando os artesãos do DF, estima que pelo menos 15 mil pessoas vivam dos trabalhos manuais na capital do país.

Para alguns trabalhadores, o artesanato foi a saída encontrada para driblar o desemprego. Há 15 anos, quando perdeu a função de copeira em um banco da cidade, Maria Anunciada de Miranda, hoje com 60 anos, precisou encontrar uma forma de ganhar a vida. Aprendeu a fazer tapetes de malha e, ao perceber o interesse

do público, passou a vendê-los. Hoje, faz diariamente o trabalho. Por mês, calcula receber cerca de R\$ 300 que ajudam a custear os gastos de sua residência, localizada no Gama. Os tapetes são vendidos por preços que variam de R\$ 35 a R\$ 40. Um jogo de banheiro com três peças sai por R\$ 60. "Fiquei desempregada e tinha que arrumar o que fazer. Comecei a fazer artesanato, que gosto muito", conta.

O trabalho manual também foi um recomeço para Eunice Ferreira, de 58 anos, quando ela se mudou do Rio Grande do Sul para Brasília e não conseguiu continuar trabalhando como secretária. Atualmente, recebe pouco mais de um salário mínimo com os produtos vendidos e

ajuda nas despesas da casa onde mora com os filhos, na Asa Norte. "Sempre gostei de trabalhos manuais e acho que em Brasília eles são muito valorizados, mais que em outros locais."

Com uma história mais recente de dificuldade no mercado de trabalho, Kelris Meirim, de 21 anos, diz ter encontrado sua verdadeira vocação. Em janeiro passado, um ano depois de perder o emprego de vendedora, ela aprendeu a fazer crochê com uma amiga. Desde então, não parou mais. "Me apaixonei, só quero trabalhar com isso, não quero fazer mais nada da vida", conta a moradora da Asa Sul, que vende peças de roupa e acessórios feitos com a técnica artesanal. Por mês, tem cerca de R\$ 700 de lucro.

» Aonde ir

Conheça a programação da Rota do Artesanato Candango

- » **Praça dos Artistas (Setor Comercial Sul)**
Toda primeira quarta-feira do mês, das 9h às 18h
- » **Praça do Índio (703/704 Sul)**
Todos os sábados, das 9h às 15h
- » **Setor Bancário Norte (ao lado do prédio dos Correios)**
Toda segunda quarta-feira do mês, das 9h às 18h.
- » **Próximos locais (ainda sem data de início e horário de funcionamento definidos)**
Parque da Cidade, Eixão do Lazer, Igrejinha, Museu Nacional e quadras das asas Sul e Norte.

» Eu acho...



"É muito bom ter um lugar perto de casa para olhar e comprar artesanato. Adorei as coisas que são vendidas. Antes, eu ia até a Torre de TV, mas gosto mais daqui"

Auxiliadora Ferreira Oliveira, 65 anos, dona de casa, moradora da Asa Sul